

JORNAL: Jornal do Brasil
DATA: 30-12-1959
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Artes Visuais
PARADOXO DA ARTE MODERNA BRASILEIRA
AUTOR: Mário Pedrosa

PARADOXO DA ARTE MODERNA BRASILEIRA

Na chusma de críticos e criticôides estrangeiríssimos, importantíssimos, que se tem dignado comentar a mostra brasileira que anda pela Europa, raro é o que tem algo de inteligente ou de penetrante a dizer. A maioria é de um convencionalismo, de uma vacuidade a dar dō. Um desses que chegaram a dizer alguma coisa interessante e instrutiva foi o Sr. Jorge Lampe, de Die Presse, Viena.

Depois de referências naturais ou obrigatórias aos veteranos como Di Cavalcanti e Portinari, aos pintores ditos primitivos, e, também, "naturais e obrigatórios" aos que se alinham na corrente internacional dominante, notou ele o que na mostra era, sem dúvida, o fenômeno mais estranho: a predominância do chamado abstracionismo geométrico. Por que será? Qual a causa dessa predominância, desse arcaísmo num país novo, nas condições do Brasil? Isto é, de um país, como observou com extrema acuidade o crítico, ou "um povo que vive num meio subtropical, no qual a natureza ameaça a cada passo absorver a intencionalidade do habitante?". Até hoje não tinha visto em nenhum estrangeiro tamanho rasgo de compreensão do nosso caso cultural.

Em geral, os confrades de além-mar, quando saem de seus cuidados para visitar uma exposição da arte de país longínquo, na periferia européia, como o Brasil, vagamente inundado no conceito geográfico de América do Sul, trazem consigo opiniões dogmáticas

que não admitem sejam postas em xeque. Vão, e logo procuram na sala ou salas os papagaios, isto é, as cores berrantes, negros no eito, índios bravios, taperas, florestas, narrativas pitorescas, etc. — e, se encontram, aprovam, satisfeitos; se não encontram, não conseguem esconder o despeito. Depois, procuram os que estão fazendo coisas que lhes são agora familiares nos próprios países, ou mais de acordo com o gosto internacional vigente, e se encontram, dirão — "está bem", mas, observam, superiormente, precisam ser "mais individuais" ou "mais seguros" ou "mais" não sei mais o quê. Dão, porém, de qualquer modo, sua notinha de consolação e encorajamento, e passam adiante. Se topam, porém, com algo como a velha tendência da abstração geometrizante, externizam logo sua irritação, não se detêm, e, afirmam irônicos e sabichões, que "Mondrian já passou há muito tempo", embora esteja eu seguro de que, em sua maioria, todos esses sujeitos nunca passaram, realmente, pela experiência do neoplasticismo, etc.

Nenhum, porém, jamais se deteve para indagar da causa desse paradoxo da arte moderna no Brasil. Eis que o Sr. Lampe o fêz, e com que penetração: "Mais impressionantes, mesmo para espectadores que, como o autor destes comentários, se afastam das construções geométricas específicas da pintura moderna, são as abstrações geométricas, cujos autores dominam esta exposição". Diante de fato com efeito tão estranho, o crítico especula, investiga, indaga, entre curioso e inquieto: "E o visitante, diante deste fato, vê-se impelido a formular consigo mesmo a seguinte pergunta: como pode tal tendência crescer a ponto de dominar a produção artística de um povo que vive num meio subtropical, no qual a natureza ameaça...", etc.? Se a questão levantada era pertinente e interessante, sua resposta é de mesma penetração e valor.

Vejam-na: "A não ser que tenha sido precisamente como reação ou defesa contra esta circunstância ameaçadora, e contra o caos borbulhente." Eis aí uma intuição realmente luminosa, que o crítico completa com esta magistral proposição: "De qualquer forma as obras de **Serpa**, Dacosta, Décio Vieira, Ligia Clark e, sobretudo, Volpi são o resultado de uma vontade profunda, e não de um calculado formalismo." Vejam como é penetrante a observação: as obras de um Dacosta, de um Volpi não são resultado "de um calculado formalismo" mas "de uma vontade profunda". E ele divisa ainda o mesmo espírito, a mesma vontade num Weismann, com suas esculturas construtivas. E depois de ver, indagar-se, declara, com todas as letras, que nisso, nessa paradoxal expressão artística "de uma vontade profunda" estava "a ponto mais alto da mostra", e "nela se observam a coesão e o paralelismo com a arquitetura moderna brasileira, de fama internacional".

Ultrapassando o plano do gosto ou da moda cosmopolita, ou o plano não estético das considerações sociais e pitorescas, relativamente à produção artística de um país como o nosso, o crítico Jorge Lampe, de Viena, atinge em cheio o que há de mais enigmático e também de mais original, de mais especificamente brasileiro, de mais vernáculo, talvez, na produção artística e cultural atual do país. E é o caso de se perguntar: Não estará saindo desse paradoxo, dessa "vontade profunda" o embrião ainda precário, mas já existente, de uma arte brasileira moderna e autóctone, isto é, autenticamente regional, de saborosos e fortes acentos dialetais, na grande linguagem abstrata universal? Como já é o caso com a nossa arquitetura moderna?

JORNAL: Jornal do Brasil
DATA: 30-12-1959
LOCAL: Rio de Janeiro-GB
TÍTULO: Artes Visuais
PARADOXO DA ARTE MODERNA BRASILEIRA
AUTOR: Mário Pedrosa

PARADOXO DA ARTE MODERNA BRASILEIRA

Na chusma de críticos e criticõides estrangeiríssimos, importantíssimos, que se tem dignado comentar a mostra brasileira que anda pela Europa, raro é o que tem algo de inteligente ou de penetrante a dizer. A maioria é de um convencionalismo, de uma vacuidade a dar dó. Um desses que chegaram a dizer alguma coisa interessante e instrutiva foi o Sr. Jorge Lampe, de Die Presse, Viena.

Depois de referências naturais ou obrigatórias aos veteranos como Di Cavalcanti e Portinari, aos pintores ditos primitivos, e, também, "naturais e obrigatórios" aos que se alinham na corrente internacional dominante, notou ele a que na mostra essa, sem dúvida, o fenômeno mais estranho: a predominância do chamado abstracionismo geométrico. Por que será? Qual a causa dessa predominância, desse arcaísmo num país novo, nas condições do Brasil? Isto é, de um país, como observou com extrema acuidade o crítico, ou "um povo que vive num meio subtropical, no qual a natureza ameaça a cada passo absorver a intencionalidade do habitante?". Até hoje não tinha visto em nenhum estrangeiro tamanho rasgo de compreensão do nosso caso cultural.

Em geral, os confrades de além-mar, quando saem de seus cuidados para visitar uma exposição da arte de país longínquo, na periferia européia, como o Brasil, vagamente inundado no conceito geográfico de América do Sul, trazem consigo opiniões dogmáticas

que não admitem sejam postas em xeque. Vão, e logo procuram na sala ou salas os papagaios, isto é, as cores berrantes, negros no eito, índios bravios, taperas, florestas, narrativas pitorescas, etc. — e, se encontram, aprovam, satisfeitos; se não encontram, não conseguem esconder o despeito. Depois, procuram os que estão fazendo coisas que lhes são agora familiares nos próprios países, ou mais de acordo com o gosto internacional vigente, e se encontram, dirão — "estã bem", mas, observam, superiormente, precisam ser "mais individuais" ou "mais seguros" ou "mais" não sei mais o quê. Dão, porém, de qualquer modo, sua notinha de consolação e encorajamento, e passam adiante. Se topam, porém, com algo como a velha tendência da abstração geometrizar, externizam logo sua irritação, não se detêm, e, afirmam irônicos e sabichões, que "Mondrian já passou há muito tempo", embora esteja eu seguro de que, em sua maioria, todos esses sujeitos nunca passaram, realmente, pela experiência do neoplasticismo, etc.

Nenhum, porém, jamais se deteve para indagar da causa desse paradoxo da arte moderna no Brasil. Eis que o Sr. Lampe o fez, e com que penetração: "Mais impressionantes, mesmo para espectadores que, como o autor destes comentários, se afastam das construções geométricas específicas da pintura moderna, são as abstrações geométricas, cujos autores dominam esta exposição". Diante de fato com efeito tão estranho, o crítico especula, investiga, indaga, entre curioso e inquieto: "E o visitante, diante deste fato, vê-se impelido a formular consigo mesmo a seguinte pergunta: como pode tal tendência crescer a ponto de dominar a produção artística de um povo que vive num meio subtropical, no qual a natureza ameaça...", etc.? Se a questão levantada era pertinente e interessante, sua resposta é de mesma penetração e valor.

Vejam-na: "A não ser que tenha sido precisamente como reação ou defesa contra esta circunstância ameaçadora, e contra o caos borbulhênto." Eis aí uma intuição realmente luminosa, que o crítico completa com esta magistral proposição; "De qualquer forma as obras de Serpa, Dacosta, Décio Vieira, Ligia Clark e, sobretudo, Volpi são o resultado de uma vontade profunda, e não de um calculado formalismo." Vejam como é penetrante a observação: as obras de um Dacosta, de um Volpi não são resultado "de um calculado formalismo" mas "de uma vontade profunda". E ele divisa ainda o mesmo espírito, a mesma vontade num Weismann, com suas esculturas construtivas. E depois de ver, indagar-se, declara, com todas as letras, que nisso, nessa paradoxal expressão artística "de uma vontade profunda" estava "o ponto mais alto da mostra", e "nela se observam a coesão e o paralelismo com a arquitetura moderna brasileira, de fama internacional".

Ultrapassando o plano do gosto ou da moda cosmopolita, ou o plano não estético das considerações sociais e pitorescas, relativamente à produção artística de um país como o nosso, o crítico Jorge Lampe, de Viena, atinge em cheio o que há de mais enigmático e também de mais original, de mais especificamente brasileiro, de mais vernáculo, talvez, na produção artística e cultural atual do país. E é o caso de se perguntar: Não estará saindo desse paradoxo, dessa "vontade profunda" o embrião ainda precário, mas já existente, de uma arte brasileira moderna e autóctone, isto é, autenticamente regional, de saborosos e fortes acentos dialetais, na grande linguagem abstrata universal? Como já é o caso com a nossa arquitetura moderna?